

PRÁTICAS DE LETRAMENTO DE UM GRUPO DE ORAÇÃO CATÓLICO: UMA MINIDSCRIÇÃO ETNOGRÁFICA

Gabriela A. MARQUES

Carla B. CATAI

Lorena M. BATISTA

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Rodrigues de Souza Mendonça

Resumo: O presente trabalho constitui-se em uma *minietnografia* de um grupo de oração para jovens católicos, pensando nas suas características de evento de letramento. A partir da observação desse grupo de oração, objetiva-se descrever o evento de letramento, inferindo acerca da relevância da leitura e escrita para sua realização. Além disso, há o objetivo de entender as influências do meio social na relação com a leitura e escrita de um sujeito analisado em específico. Pensando nessa relação entre letramento e práticas sociais defendida pela linha teórica dos *Novos Estudos de Letramento*, a metodologia do trabalho busca se aproximar de uma prática etnográfica, mas sem o extenso trabalho de campo.

Palavras-chave: letramentos; minidescrição etnográfica; grupo de oração, leitura.

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo é uma minidescrição etnográfica, termo que será discutido na Metodologia, acerca de um grupo de oração para jovens católicos, GOU B.¹, com foco em sua característica de evento de letramento². Apesar de descrever o evento como um todo, em suas relações com a leitura e a escrita, foi observado um indivíduo em particular, tal que o recorte específico analisado foi a escuta da leitura bíblica e da pregação por parte desse indivíduo. Esse recorte foi escolhido por ser a parte do evento mais significativamente influenciada pela leitura e pela escrita.

Ao restringir os sujeitos de observação, objetiva-se entender mais profundamente as relações entre o perfil sociocultural e pessoal do indivíduo e sua relação com a leitura e a escrita no evento de letramento estudado, comparando-o com os outros participantes

1 Para que a identidade do grupo fosse preservada, optou-se pela utilização das siglas.

2 “(...) letramento são as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as conseqüências delas sobre a sociedade.” (Soares, 2002, p. 144)

do grupo, o que está de acordo com a fundamentação teórica utilizada, o modelo ideológico de letramento.

1.1 Objetivos

Descrever o evento de letramento do grupo de oração para jovens católicos (GOU B.) e, a partir dos dados coletados, fazer inferências a respeito da relevância da leitura e da escrita para a realização do evento analisado e para seus participantes.

Além disso, objetiva-se entender as influências do meio social na relação com a leitura e a escrita do sujeito estudado e como isso se relaciona com a sua participação no evento de letramento do grupo de oração.

1.2 Justificativa

As práticas religiosas são importantes na maioria das sociedades humanas e, nas sociedades que têm um sistema de escrita, as práticas de letramento religiosas são aspectos fundamentais em seu funcionamento, por meio de livros sagrados de referência, orações, cânticos e outros. Além disso, os letramentos religiosos são, muitas vezes, os primeiros ou únicos com que os indivíduos têm contato, exercendo influência decisiva na maneira como eles irão lidar com a leitura e a escrita em suas vidas.

Daí a importância deste estudo, que tenta analisar diversos tipos de relações entre os sujeitos e as práticas letradas envolvidas no evento de letramento religioso do grupo de oração, observando como isso é determinado por uma relação prévia com os letramentos religiosos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este trabalho, dentro do campo dos estudos de letramento, se norteia pelos *Novos Estudos de Letramento* ou *Letramentos Sociais*, abordagem que investiga os usos e funções da leitura e da escrita sob uma perspectiva social e etnográfica.

Um dos teóricos principais dessa linha de estudo é Brian Street que, em seu livro “*Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação*” ([1995] 2014), explica que a denominação *Letramentos Sociais* decorre do fato desse enfoque ressaltar o caráter social dos letramentos e considerá-los como práticas de leitura e escrita de caráter diverso, e não somente os tidos como legítimos (daí a pluralidade do termo). Relaciona-se, por isso, com o tipo de investigação deste trabalho, uma vez que um grupo de oração, sob outras perspectivas teóricas, não

seria considerada uma prática de letramento, por não pertencer à esfera de letramentos tidos como legítimos. Assim, as práticas que envolvem leitura e escrita, como os grupos de religião, associações de moradores, atividades no trabalho, ou outras que fogem ao letramento escolar seriam, dentro da perspectiva dos Novos Estudos de Letramento, práticas intrinsecamente ligadas com a formação de um sujeito como pessoa que lê e escreve.

A perspectiva dos Novos Estudos de Letramento contrapõe-se a uma anterior, que considera a leitura e a escrita como uma tecnologia que, sozinha, traria o desenvolvimento das capacidades cognitivas do indivíduo e deixa fora de suas considerações o contexto social, tratando como letramento “legítimo” apenas as práticas de leitura e escrita relacionadas ao ambiente escolar. Street denomina esse de *modelo autônomo*, contrapondo-se ao seu, o *modelo ideológico*, que considera os letramentos como um produto de práticas sociais inseridas num tempo e num espaço específicos.

Outros autores trabalharam especificamente com os letramentos religiosos e, por isso, foram interessantes como auxílio ao que foi feito neste trabalho. Ana Cristina Lage (2013) diz que os letramentos religiosos podem ser entendidos no sentido de mecanismo fortalecedor de determinada vertente religiosa e de manutenção de uma identidade de grupo, localmente (no contexto do grupo de oração, no caso) ou num sentido mais amplo, como na Igreja Católica.

Por isso a escolha pelo uso da minidescrição etnográfica neste trabalho, que se insere no campo dos Novos Estudos de Letramento, observando as relações sociais e o contexto envolvido no evento de letramento religioso considerado, o grupo de oração e, em particular, no sujeito analisado.

3. METODOLOGIA

O presente trabalho busca, também dentro de sua metodologia, se aproximar da forma de pesquisa das descrições etnográficas. Como coloca Iveuta Lopes (2004),

“A etnografia é definida como um procedimento teórico-prático adotado em pesquisas sociais”

e que

“ [...] tem como finalidade oferecer uma descrição da forma como se constitui uma determinada sociedade e estabelecer distinções entre o que pode ser considerado regra enquanto traço da cultura, e o que não está incluído entre os fenômenos assim considerados” (Lopes, 2004, pág. 50-51)

Tendo em vista a complexidade da abordagem etnográfica e o trabalho em campo muito mais extenso do que o realizado para este trabalho, o intuito é trazer uma tentativa de descrição de um evento letrado, aproximando-se do método de uma etnografia, mas, por não se tratar de uma etnografia “clássica”, utilizar-se-á o termo “minidescrição etnográfica”.

Vale ainda ressaltar que o uso da abordagem etnográfica faz sentido dentro da fundamentação teórica utilizada, uma vez que os Novos Estudos de Letramento consideram o letramento como um produto de práticas sociais e a descrição etnográfica observa as relações sociais e o contexto envolvidos no evento de letramento.

Os métodos utilizados para a construção desta minidescrição etnográfica foram, em resumo, a observação não participante de três reuniões do GOU B., gravação em áudio de uma entrevista semiestruturada (*anexo 1*) com o indivíduo analisado em específico, anotações em campo e elaboração de questionários. Não foi possível a obtenção de fotos do evento, por uma escolha dos pesquisadores, que preferiram não desprezar o momento de oração, bem como dos coordenadores do evento, que preferiram não autorizar as fotografias. Esse tipo de limitação, que foi encontrado em diversos momentos ao longo da execução do trabalho, se deu pelo temor da exposição e do preconceito religioso advindo dessa exposição (*anexo 2*). Vale frisar, entretanto, que os questionários e a entrevista foram realizados de forma voluntária e com autorização prévia.

Em primeira visita a campo, observou-se de forma geral como a reunião se dava, tomando-se notas. Após a familiarização com a organização do evento, e feita a apresentação para os participantes do projeto e explicação de seus objetivos, optou-se pela elaboração de um questionário (*anexo 3*) para traçar um perfil geral do grupo de oração. Dessa forma, seria possível verificar se o sujeito escolhido para observação, Bruno³, se enquadrava no perfil médio do grupo ou se se constituía como uma exceção.

Acreditou-se, também, ser necessária, nesse momento, a elaboração de um questionário para uma das coordenadoras do grupo (*anexo 4*), para entender como a reunião para preparação do encontro religioso funcionava, tendo em vista não ser possível a observação desse evento, por motivos de restrição do acesso à reunião.

Depois de se pensar no evento letrado como um todo, optou-se por fazer o recorte de estudo já discutido na Introdução. Para tanto, ou seja, para entender como a produção da reflexão do texto bíblico⁴ se dá, como esta é intermediada pela leitura e pela escrita, e como o sujeito participante escolhido para observação se comporta nesse

3 A utilização de um pseudônimo pretende preservar a identidade do sujeito analisado

4 Momento em que o pregador faz uma espécie de explicação do texto bíblico, colocando suas próprias interpretações e relacionando a passagem lida com o tema daquela reunião do GOU B.

evento, sempre em comparação com os demais, foi feita uma entrevista com o sujeito, gravando-se o áudio para posterior consulta. Com essa entrevista, buscou-se traçar um pequeno histórico do sujeito na sua relação com os letramentos religiosos e entender como isso poderia influenciar na participação no evento letrado do grupo de oração universitário.

Houve ainda um questionário direcionado para os sujeitos que, durante as reuniões do GOU B. que foram observadas, fizessem a reflexão e a leitura do texto bíblico (*anexo 5*), este elaborado com perguntas discursivas e gerais. Objetivava-se com ele compreender como se dava a produção do discurso.

Assim, pode-se dizer que, do método utilizado, a partir dos questionários escritos e do questionário objetivo, além da entrevista e das anotações em campo, foi possível perceber a composição do grupo de oração estudado, de como as reuniões são feitas e como o sujeito que faz o discurso sobre o trecho bíblico é escolhido, de como isso é feito e de que forma a pregação se dá, além de um breve histórico do participante específico que foi observado, para tentar entender um pouco melhor suas atitudes e enquadrá-lo (ou excluí-lo) no perfil dos participantes do GOU B..

4. ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados durante a pesquisa do evento analisado, as reuniões de um grupo de oração, o GOU B., subordinado à Pastoral Universitária da Unicamp, permitiram depreender que este se caracteriza como um grupo voltado para jovens católicos frequentadores da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), que realiza encontros semanais para liturgia e oração, e possui como coordenadores alunos de graduação e pós-graduação da universidade, que fazem uma reunião na semana anterior para organizar o próximo encontro. Os encontros do grupo de oração ocorrem durante o horário de almoço, tendo duração aproximada de uma hora, em uma sala da UNICAMP.

Embora não tenha sido possível acompanhar as reuniões de preparação, pelos motivos já citados, obtiveram-se informações sobre seu andamento através de questionário aplicado a uma das coordenadoras. Assim, pôde-se constatar que as reuniões de preparação feitas pelos coordenadores, que também ocorrem na UNICAMP, são frequentemente realizadas uma vez por semana, com duração de duas horas e possuem uma pauta, preparada pela coordenadora-chefe do grupo. Há geralmente um momento de oração e uma avaliação do GOU B. anterior e avisos a respeito de demais formações e encontros (regionais, estaduais e nacionais) de que eles participam através do Ministério

Universidades Renovadas (MUR)⁵. Nestas reuniões também são escolhidos, dentre os membros da coordenação, qual papel durante o encontro seguinte do GOU B. cada um realizará, sendo que tudo é repassado para os membros por e-mail pela coordenadora, para formalizar as decisões. Assim, a coordenadora-chefe apresenta um papel social de muita relevância e, através de observações em campo, foi possível perceber o respeito que os demais integrantes da organização têm por ela.

Um fato curioso sobre o ambiente em que ocorrem as reuniões foi que ele se distanciava da primeira ideia que os pesquisadores tinham a respeito quando decidiram pelo recorte temático do grupo de oração. Esperava-se uma disposição mais informal dos participantes, em roda, e que, durante as orações, as pessoas estivessem de mãos dadas, porque foi assim que se organizaram os eventos religiosos experienciados pelos pesquisadores em outras situações, como catequese, grupo de oração escolar, etc. Entretanto, os encontros se realizam com as pessoas sentadas em uma disposição próxima da escolar, o que está de acordo com a organização do espaço: uma sala de aula de arena, com carteiras distribuídas em níveis e fileiras, bem iluminada, mas sem janelas. Há uma mesa maior que fica à frente das carteiras (a mesa do professor), no nível mais baixo da sala e abaixo da lousa, está fixada na parede para qual as carteiras de direcionam.

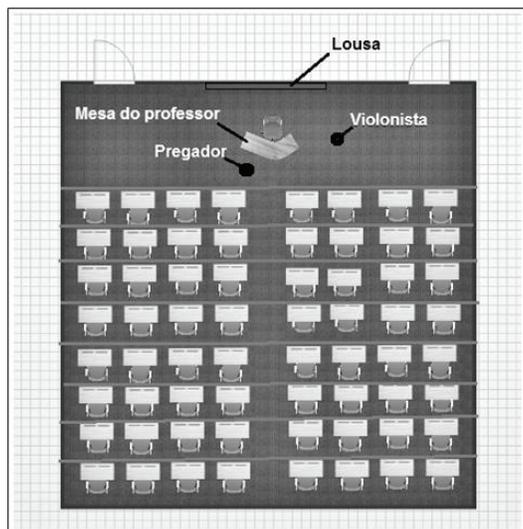


Figura 1 – Representação esquemática de uma sala de aula de arena da UNICAMP, onde as reuniões do GOU B. são realizadas, e de uma possível configuração do ambiente durante os encontros do grupo.

5 O Ministério Universidades Renovadas é uma organização filiada ao Ministério da Renovação Carismática Católica, que tem como um de seus objetivos a evangelização dentro das universidades, agindo por meio de “sub-organizações”, como o GOU B.

O ambiente de sala contribui, através da observação feita, para a dinâmica do grupo, pois a organização próxima de uma sala de aula permite o reconhecimento de seus papéis por parte dos participantes, que ficam sentados nas carteiras no momento da pregação, numa posição de alunos, e da pessoa que elabora e realiza a pregação como uma figura de autoridade, tendo em vista seu papel, ao comparar com uma sala de aula, com a de um professor. Por outro lado, mesmo havendo o respeito por parte dos participantes do sujeito que faz a pregação, estes não se comportam, dentro de uma hipótese inicial, como o fariam se a pregação fosse feita por um sacerdote ou um padre. A mesa maior que se localiza à frente dos participantes não é um entreposto físico entre o pregador e os ouvintes, já que a pessoa que discursa geralmente se coloca à frente da mesa. Esse suporte funciona mais como um apoio para imagens sagradas e para as cifras do violonista, que na maior parte do tempo fica ao lado desta mesa. A lousa funciona como um elemento de caracterização do ambiente escolar em religioso, pois nela são escritos avisos sobre horários de missa, frase escolhida de acordo com o tema bíblico desenvolvido, nome do grupo, saudação aos participantes, escritas coloridas e com “tom alegre”, e há a indicação da “intercessão” (desenha-se na lousa uma seta apontando para uma pequena sacola, apoiada na lousa, que funciona como uma espécie de “sacola de pedidos” – pedidos são escritos e colocados dentro desta sacola para serem levados para orações no Ministério). Dependendo do orador, ele pode usar a lousa em sua dinâmica de reflexão sobre o texto lido (escrevendo e/ou esquematizando).

Antes de partir para uma segunda exposição analítica dos dados acerca dos participantes do grupo de oração, é importante aqui colocar que o número amostral referente aos dados é reduzido (quatro pessoas) e que os questionários desenvolvidos com a finalidade dessa caracterização foram distribuídos pela coordenadora-chefe do GOU B., como ela preferiu, para determinados membros que participam com uma maior frequência dos encontros. Assim, talvez seja importante pontuar que essa caracterização busca se aproximar da realidade, mas, tendo em vista os questionários abarcarem apenas uma parcela do grupo, pode não o refletir integralmente. Ressalva feita, pode-se colocar que o grupo se caracteriza por possuir pessoas que frequentam ou frequentavam outros grupos de oração além do GOU B., que praticam outras atividades religiosas, dentre elas ir à missa, ler a Bíblia em casa, ou ainda outras práticas, como catequizar e fazer parte de grupos missionários religiosos. Além disso, foi observado também que o grupo é formado por pessoas que já tiveram algum contato anterior com os cânticos, louvores e orações, predominantemente por estudantes (houve apenas uma declaração de sujeito que estuda e também exerce atividade remunerada) e com idade entre 17 e 22 anos. A partir dos questionários também foi possível constatar que a maior parte utiliza a Bíblia física, mas que também há a presença da digital ou inclusive dos dois suportes.

Sobre o contato anterior com a Bíblia, todos declararam já terem tido anteriormente ao GOU B., e quanto ao modo como aprenderam a lidar com o livro sagrado (saber, por exemplo, localizar os trechos), a maioria declarou que aprendeu em ambiente familiar.

Os dados da entrevista de Bruno, o sujeito analisado em específico, foram então utilizados para traçar uma espécie de percurso religioso familiar e trajetória própria. Comparando-se com o restante do grupo, é possível afirmar que ele se incluiu dentro do padrão. Isso porque, como Bruno declarou na entrevista, ele já participou de outros grupos de oração, tanto em ambiente escolar como religioso, e teve pela sua família o contato com a religião e, portanto, contato anterior com os cânticos, louvores, orações e com a Bíblia, que Bruno utiliza durante os encontros do GOU B. em formato digital, através de um aplicativo de celular.

Cabe talvez aqui mencionar e discutir os diferentes formatos da Bíblia e utilizações, uma vez que ela é o principal material escrito do evento, e como isso pode mostrar a relação com o texto sagrado por parte de cada um. Num aspecto mais amplo, observaram-se dois principais formatos de Bíblia, a impressa e a digital, utilizadas nos celulares através de aplicativos. Chamou a atenção dos pesquisadores esse uso da tecnologia e, por isso, surgiu a necessidade de uma breve comparação entre os dois materiais escritos. Ao observar o aplicativo de forma geral, percebeu-se que a forma de leitura e disposição do texto é diferenciada, como, por exemplo, o fato da localização dos trechos ser mais simples, com o auxílio de mecanismos de busca. Contudo, Bruno optou por um aplicativo que não tivesse o conteúdo do texto adaptado, por preferir a leitura integral. Outro ponto observado foi que os participantes que levam suas Bíblias impressas apresentam relações heterogêneas em relação ao material escrito. Por exemplo, numa espécie de “marca de leitura”, havia participantes que grifavam os textos, outros que colavam notas adesivas, o que pode caracterizar uma leitura frequente, com uma consequente proximidade com o texto, além do fato desse método se aproximar de uma forma de estudo. Entretanto, alguns participantes, não faziam qualquer marcação, talvez em sinal de respeito pelo texto sagrado.

Participando da organização dos encontros, há um grupo de sete membros (como a coordenadora apontou no questionário, “servos”), que durante as reuniões de preparação já citadas dividem-se nas tarefas para o encontro da semana seguinte. Dentro de tais tarefas, há um responsável pela acolhida, iniciando o encontro, um para o que a coordenadora trouxe no questionário como “animação” (muito provavelmente referente ao momento de coreografia do encontro), alguém que deverá fazer as orações em voz alta e orientar o que será feito em cada momento, um pregador e alguém para, ao final, fazer um convite para as partilhas dos participantes e dar os avisos. Nos três encontros

observados, constatou-se que uma posição fixa é a do violonista, embora em um encontro este participante tenha, também, realizado a pregação.

Talvez seja pertinente neste momento do trabalho salientar que, durante o tempo em campo, observou-se que o evento do grupo de oração em si não é como um todo mediado pela leitura e escrita, embora elas sejam uma parte muito importante, pois intermedeiam, por exemplo, a leitura do trecho bíblico e o discurso do pregador. Assim, os poucos materiais escritos presentes na sala durante o encontro do GOU B. e relevantes para o evento seriam as letras de música do violonista, os escritos na lousa e a Bíblia, mas todos essenciais para a sua realização.

5. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE LETRAMENTO

As reuniões seguem quase que um mesmo modelo de execução todas as semanas e as diferenças são apenas no conteúdo ou tema que norteia todo o encontro, se relacionando com o texto bíblico que será lido. A coordenadora-chefe, no questionário, chama essas linhas temáticas que devem ser seguidas em cada encontro de “querigmas”. Segundo ela, existem seis (amor de Deus, pecado, fé e conversão, senhorio de Jesus, comunidade e Espírito Santo), e, a partir deles, define-se a moção da reunião. Por conta dessas diferenças, um modelo geral será descrito e, quando for pertinente à análise dos dados, as particularidades dos encontros observados serão destacadas.

O grupo de coordenadores se localiza mais próximo da lousa, alguns sentados nas carteiras ou em pé, prontos para assumir seus papéis ao longo do encontro. Um deles vai à frente da sala e convida os participantes a se colocarem em pé para um momento de descontração. O violonista toca uma música religiosa, normalmente alegre, e o animador ensina uma coreografia relacionada à letra. Os participantes são convidados a imitar essa coreografia durante uma ou duas vezes antes da música realmente ser tocada para a dança. Acredita-se que essa coreografia tenha sido elaborada durante as reuniões de quarta-feira e foi interessante observar o quanto ela é intermediada pela linguagem, tendo em vista que os gestos concretizam a letra da música (por exemplo, quando é falado de Deus, aponta-se para o céu). É importante ressaltar que a participação na coreografia e em todas as manifestações ao longo da reunião é voluntária e que nem todos participam de todos os momentos, o que talvez esteja ligado com sua relação pessoal com a religião e sua personalidade. Bruno, por exemplo, dança durante a música, embora na entrevista tenha relatado que não é uma prática comum nas suas manifestações religiosas.

Depois, outro coordenador toma a palavra para realizar um momento de preparação para as orações seguintes, que ele declara ser mais sério que o primeiro. Há música

instrumental de fundo e os participantes são convidados a esquecerem dos problemas cotidianos para estarem abertos às orações. Eles demonstram expressões de enlevo, alguns se colocam de olhos fechados ou de mãos postas em sinal de oração, embalados pela música. Durante todas essas ocasiões, o coordenador responsável pela orientação do que será feito ora e exclama frases de louvor. Acredita-se que esses comentários não sejam totalmente espontâneos, devido à observação da densidade do que é dito e da linguagem utilizada, além das informações obtidas no questionário feito com a coordenadora-chefe, que disse haver uma escolha prévia da temática e da pessoa que desempenharia essa função. O comentarista pede, então, a intercessão do Espírito Santo ao encontro, como é de costume na Igreja Católica.

Então, há outro cântico, acompanhado do violonista, para que fique mais fácil de todos cantarem juntos. Esses cânticos normalmente são do conhecimento de todos: nos questionários, os participantes declararam já saber as músicas por experiências religiosas anteriores e, na entrevista, Bruno disse que as músicas que não sabia no GOU B., aprendeu ouvindo, ao longo das semanas. Nenhum deles, portanto, necessitou da letra escrita para aprender os cânticos. Ao final, o orientador chama todos a fazerem suas orações em voz alta, ressaltando para que agradecimentos sejam feitos e trazendo pedidos de caráter acadêmico (por exemplo, por boas provas, um bom andamento de teses e artigos, etc), o que se relaciona com o meio social no qual o grupo se insere. É um momento de grande importância para o desenvolvimento do encontro, pois, segundo observado, é aqui que são feitas as orações mais espontâneas e as maiores demonstrações de fé por parte de todos. Em entrevista sobre esse momento, Bruno relata que, como participante, ele não ora em voz alta com o objetivo de ser ouvido pelos outros, mas para enviar suas preces a Deus e que, nesse momento, os coordenadores, que ele acredita serem pessoas “mais elevadas na fé”, conseguem orar em línguas⁶.

Em seguida, a pessoa escolhida para a leitura e pregação se levanta e convida todos a abrirem suas Bíblias em uma passagem determinada por ele. O trecho bíblico é indicado por referências próprias da leitura do livro sagrado e que são entendidas apenas por quem tem o domínio do uso da Bíblia (localização determinada por livro, capítulo e versículo ou por número do salmo, se for o caso), o que é o caso dos presentes, pessoas interessadas em eventos religiosos. A relação com o livro sagrado é de muito respeito

6 Sob o ponto de vista da religião católica, “É um dom que leva os fiéis a glorificar a Deus em uma linguagem não convencional, inspirada pelo Espírito Santo. É uma forma de louvar a Deus e uma real maneira de se falar e se entreter com Ele. Quando o homem está de tal maneira repleto do amor de Deus que a própria língua e as demais formas comuns de se expressar se revelam como que insuficientes, dá plena liberdade à inspiração do Espírito, de modo a “falar uma língua” que só Deus entende.” (Blog Canção Nova, 2012).

nesse momento da leitura, - devido à posição que ocupam dentro da coordenação do GOU B., acredita-se que todos os pregadores tenham uma relação muito íntima com a fé cristã - mas essa relação pode ser demonstrada de diferentes formas pelos diferentes pregadores observados: um deles declarou ter um livro favorito na Bíblia, mas ao mesmo tempo, foi observado que outro tinha um adesivo da universidade colado na capa.

A leitura é feita com entonação de voz apropriada a uma pregação, semelhante à de um padre. O leitor está em pé, segurando a Bíblia aberta nas mãos e, como frequentemente ele desvia o olhar do texto para fazer contato visual com os outros participantes, a leitura é guiada com o dedo, em gesto típico. A leitura do trecho pode ser entremeada por comentários rápidos e objetivos ou explicações mais longas sobre o que acabou de ser lido (inclusive com definições do dicionário), visando facilitar o entendimento dos ouvintes e varia dependendo do pregador.

Nesse momento, observaram-se comportamentos variados entre os participantes, que refletem seu interesse pela leitura, respeito ou percurso religioso individual. A maioria acompanhou a leitura e se portou como um aluno diante dos ensinamentos de um professor, mas houve divergências: uma garota apoiou a cabeça na mesa de olhos fechados, talvez em momento íntimo de oração; outra manteve-se usando o celular; outros, sem o apoio do texto escrito, apenas ouviram a leitura e um garoto chegou a dormir. Bruno, novamente, pode ser descrito como enquadrado no padrão, pois se comporta de maneira respeitosa, mantendo silêncio e lendo em sua própria Bíblia, que, no caso, é um aplicativo de celular. Ele declarou na entrevista que, em relação a esse material escrito digital, há um sentimento de respeito, porém esse sentimento seria maior se fosse a Bíblia impressa: para Bruno, o celular é apenas um “veículo” no qual está a palavra de Deus, enquanto a Bíblia “de verdade” seria a impressa, mesmo que, como observado no aplicativo, o texto seja o mesmo.

Depois do término da leitura, o pregador inicia uma discussão sobre o texto lido. Bruno acredita, particularmente, que esse momento se trata de uma reflexão e não de uma pregação, porque não há a figura de um sacerdote, mas mesmo assim há uma relação de respeito por quem discursa porque ele pensa que esta seria uma pessoa com maior “vivência de fé”. A Bíblia de quem discursa pode estar aberta sobre a mesa, como uma representação de que o momento de relação com o livro sagrado ainda não terminou (isso também foi observado na maioria dos participantes), ou pode continuar na mão para quaisquer retomadas do texto que ele deseje. Apesar de não estar mais lendo, foi observado que um dos pregadores mantinha uma entonação de voz própria de leitura e uma linguagem mais formal, que provavelmente não usa normalmente em seu convívio, enquanto os outros mantiveram um tom informal. A reflexão pode ter estrutura de argumentação, também, para convencer o ouvinte do ponto de vista do pregador, o que a

relaciona com o gênero de texto dissertativo. Quem faz o discurso pode fazer relações com outros textos bíblicos ou outras obras, com situações do cotidiano e pode ilustrar o que está sendo falado por meio de gestos ou de esquematizações usando a lousa (sendo esta uma característica particular de uma pregadora que é também professora, o que é sugestivo quando se quer relacionar o perfil individual do sujeito e suas relações com o letramento). O pregador pode, durante a sua fala, tocar a Bíblia ou olhar novamente o texto, buscando apoio no livro, como uma inspiração. Há sempre uma interlocução retórica com os ouvintes, buscando associações com suas vidas, o que talvez seja um artifício para manter a atenção e fazer o texto ter significado para eles.

Nesse momento, todos os participantes estão sentados em seus lugares, observando e ouvindo atentamente a leitura e a reflexão. Foi observada a mesma heterogeneidade de comportamentos do momento da leitura nos participantes. Além disso, eles podem ter ou não a Bíblia consigo e acompanhar a leitura em seus próprios exemplares ou no de colegas mais próximos. Assim, pode-se perceber que alguns já se conhecem há algum tempo, de participações no GOU ou do convívio universitário, e que isso influencia no comportamento e nas relações que se estabelecem entre os participantes. Há um sentimento de respeito pela pessoa que está na frente, que ocupa o lugar de um representante de fé, que pode passar lições religiosas.

A partir do questionário feito com a coordenadora-chefe sobre as reuniões de preparação do evento e com as pessoas que fizeram a reflexão nos encontros observados, pôde-se inferir alguns dados sobre a preparação do discurso e o próprio momento em que ele está sendo realizado. A escolha de quem irá fazer a reflexão da semana é voluntária, caso a pessoa se sinta “tocada a falar” e isso sempre com relação a orações pessoais, pelas quais as pessoas acreditam receberem inspiração divina. Os pregadores declararam que a escolha do texto não é espontânea e de acordo com sua preferência, mas é feita durante as reuniões de preparação, após oração e “discernimento” (essa palavra foi usada diversas vezes nos questionários dos pregadores e da coordenadora-chefe), e segundo o tema da semana. Sobre a preparação dos discursos, todos disseram fazer um texto esquemático em casa, com a linha de raciocínio a ser seguida, sendo que ele pode ou não ser utilizado, além da Bíblia, no momento da pregação. Para estruturar sua argumentação, os pregadores declaram que podem usar outros textos religiosos ou de cunho informativo.

Após o término da reflexão há outro momento de música, com todos em pé, que normalmente é permeado pelos comentários do orientador ou de quem fez o discurso, que animam a orar. Nesse momento, os participantes e os coordenadores oram em voz alta, com a manifestação das línguas do Espírito Santo novamente.

Então, um dos coordenadores vai à frente e convida todos a sentarem e partilharem, caso desejem, alguma experiência da semana ou algo que queiram dizer a respeito da temática do dia. Bruno, por exemplo, prefere não se manifestar nesses momentos. Pode haver compartilhamento de livros (religiosos ou não), de experiências religiosas (inclusive, uma participante mencionou que tem o costume de escrever mensagens religiosas para colocar em redes sociais e que pode se inspirar na leitura bíblica para isso) ou cotidianas (uma participante comentou a dificuldade de realizar uma prova que envolvia uma teoria filosófica que entrava em choque com suas crenças religiosas).

Como um momento final e conclusão do encontro, os participantes ficam em pé novamente e são convidados a fazerem pedidos de oração voluntários, que variam desde pedidos relacionados ao contexto universitário até a vida pessoal. Há a recitação de algumas orações tradicionais (como o Pai-Nosso), que podem variar de encontro para encontro. E no final há o costume dos participantes se cumprimentarem com abraços e apertos de mão acompanhados de uma saudação religiosa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Bíblia é o livro sagrado fundamental da Igreja Católica e, portanto, tem uma grande importância para os seguidores dessa religião. Então, partindo do pressuposto que os letramentos são uma parte importante do catolicismo, imaginou-se que, no grupo de oração, essa importância não fosse menos relevante. Desse modo, foi constatada uma grande participação da leitura e da escrita no desenvolvimento do evento do grupo de oração, pois o momento principal do encontro é intermediado pela leitura do texto bíblico e a posterior reflexão e interpretação dessa passagem. Além disso, foi possível inferir, através da observação e dos questionários aplicados, que a leitura e a escrita permeiam o evento, mesmo quando não estão presentes diretamente, como, por exemplo, na preparação do discurso e nas letras das músicas.

Foi possível averiguar, também, como o contexto social do indivíduo analisado em particular influenciou em sua relação com a leitura e a escrita e a participação no evento. Por meio dos questionários e entrevista, pode-se perceber que Bruno tem um percurso de letramento semelhante ao dos demais participantes e que isso foi, de certa forma, fundamental no seu comportamento durante as atividades do grupo de oração. Por exemplo, um indivíduo que desconheça a maneira de ler a Bíblia, por um percurso familiar não religioso, poderia ter maior dificuldade em compreender esse momento do encontro.

Acredita-se, portanto, que este trabalho, dentro de suas limitações metodológicas, constituindo-se em uma abordagem minietnográfica, conseguiu atingir parcialmente seus

objetivos. Parcialmente, porque um entendimento completo das práticas de letramento e das relações entre o contexto social dos indivíduos e sua participação do evento exigiria um estudo mais aprofundado e extenso, o que não é o caso deste trabalho. Por outro lado, a observação e a entrevista com um sujeito específico foram importantes no sentido de conhecer mais profundamente o seu percurso individual com os letramentos e como isso influenciou na sua participação no evento observado.

BIBLIOGRAFIA

- LAGE, A. C. P. “Letramento religioso e cultura escrita: as clarissas em Portugal e no Brasil (seculo XVIII)”. In: XXVIII Simpósio Nacional de História, 2013, Natal, RN. Anais Eletrônicos, 2013, p. 2.
- LOPES, I. “Cenas de letramentos sociais”. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras da UFPE, 2006, pp. 49-54.
- Pe. LUIZINHO. “Oração em línguas é polêmica, mas é um dom do Espírito Santo!” Blog Canção Nova. Disponível em: <<http://blog.cancaonova.com/padreluizinho/2012/04/27/quando-voce-precisar-de-respostas-de-deus-ore-no-espírito/>>. Acesso em: 16/06/2015
- SILVA, S. B. A., GALVÃO, A. M. “Práticas religiosas pentecostais e processos de inserção na cultura escrita (Pernambuco, 1950-1970)”. In GALVÃO, Ana Maria et al. (Orgs.). História da cultura escrita: séculos XIX e XX. Belo Horizonte: Autêntica (2007).
- SOARES, M. “Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura”. Educ. Soc. [online]. 2002, vol.23, n.81, p. 144. ISSN 1678-4626. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008>.
- STREET, B. (1995) “Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação”. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2014.

8. ANEXOS

Anexo 1 – Roteiro da entrevista com o sujeito analisado.....	p. 14
Anexo 2 – E-mail da coordenadora do grupo de oração.....	p. 15
Anexo 3 – Questionário para traçar o perfil dos participantes.....	p. 16
Anexo 4 – Questionário para a coordenadora chefe.....	p. 17
Anexo 5 – Questionário para os pregadores.....	p. 18

Anexo 1

Entrevista semiestruturada com o sujeito analisado em específico

- Qual seu nome, idade e ocupação?
- Como conheceu o GOU B.?
- Você já participou de outro grupo de oração ou outro tipo de grupo religioso antes do GOU B.? Se sim, as reuniões eram próximas do “modelo” do GOU B.?
- A sua religiosidade foi influenciada pela família ou é algo pessoal? Se for familiar, alguém lia a Bíblia para você? Se for pessoal, como esse contato, tanto com a religião quanto com a Bíblia, se deu?
- As letras dos cânticos, o fato de conhecer os livros da Bíblia e como utilizá-la (achar versículos; capítulos), como foi aprendido? Por acaso você frequentou alguma escola dominical para aprender isso?
- As músicas cantadas na reunião do GOU Beraka já eram conhecidas por você?
- Ou foram apresentadas a você durante as primeiras reuniões do grupo de oração?
- Durante as leituras da Bíblia no grupo de oração, como você acredita que seja sua relação com esse material escrito? Quais são seus sentimentos, pensamentos? Qual conexão você estabelece?
- Notamos que você utiliza o celular durante as leituras bíblicas. Por que você faz isso? Você possui algum exemplar físico? Por que não o traz? Você acredita que isso traz alguma diferença na forma como você se comporta diante do material escrito?
- Você acredita que as informações visuais presentes no ambiente (lousa) são importantes para o suporte de expressão do encontro? Você acha que deveria ser um ambiente mais “caracterizado”? (“catolicamente tematizado”)

Anexo 2

< ↑ ↵ ✕

Re: GOU

Adicionar aos contatos 19/04/2015

Para: [Redacted] ✕

De: [Redacted]

Enviada: domingo, 19 de abril de 2015 03:08:35

Para: [Redacted]

[Redacted]

Mãe desculpas!

Meu celular pifou, estou tentando arrumá-lo, minha vida está uma confusão, com muitas mensagens atrasadas para responder!

Fico muito feliz que vocês tenham gostado do GOU, também ficamos contentes em recebê-los. Friso, no entanto, a necessidade de que vocês tratem as informações a serem obtidas com toda a confidencialidade e respeito necessários, porque sendo religiosos num contexto bastante hostil à fé, sofremos bastante com preconceito. Por esta razão, algumas das pessoas que estão também a frente do grupo não se sentem muito confortáveis em abrir a reunião de preparação a vocês, até porque é um momento de muita partilha pessoal. Portanto, vocês podem mandar o questionário para mim e responderei com o maior prazer. :)

Abraços e bom feriado.

Anexo 3 - Questionário para mapeamento dos participantes do GOU B.

1- Você sempre teve contato com grupos de oração?

- Sim, eu frequentava (ou ainda frequento) um grupo de oração além do GOU B.
 Não, o GOU B. foi minha primeira experiência com um grupo de oração.

2- Você tem o hábito de participar de outras práticas religiosas? Assinale qual/quais:

- Missa.
 Leitura da Bíblia em casa.
 Frequentar outro grupo de oração.
 Outras: _____

3- Você sempre teve contato com a Bíblia, mesmo antes do GOU B.?

- Sim, sempre tive o hábito de leitura da bíblia (por iniciativa própria, por parentes ou pela família).
 Não, no GOU Beraka tive minha primeira experiência com a leitura de textos sacros.

4- Caso a resposta da pergunta anterior seja sim, como você aprendeu a ler a Bíblia?

- Em casa, por influência do ambiente familiar.
 Na catequese, ou em escolas dominicais.
 Outras: _____

5- Você sempre teve contato com os cânticos/louvores executados durante as reuniões do GOU B?

- Sim, antes de passar a frequentar o GOU Beraka já tinha contato com os cânticos.
 Não, aprendi-os no GOU Beraka.

Obs.: Neste caso, aprendeu: Ouvindo () Lendo ()

6- Você sempre teve contato com as orações (como Pai-Nosso, Ave-Maria) feitas durante as reuniões do GOU Beraka?

- Sim, antes de passar a frequentar o GOU Beraka já tinha contato com as orações.
 Não, aprendi-as no GOU Beraka.

Obs: Neste caso, aprendeu: Ouvindo () Lendo ()

7- Durante as reuniões do GOU Beraka, que tipo(s) de material(is) escrito(s) você utiliza?

Assinale qual/quais:

- Bíblia física.
- Bíblia digital (por celular, tablet ou computador). Não utilizo a Bíblia durante as reuniões.

Anexo 4

Questionário para a coordenadora chefe

- 1) Onde e com que frequência as reuniões de organização do GOU B. são realizadas?
- 2) Quantos membros fazem parte da organização do GOU B.? Há uma coordenação?
De que forma se dá essa parte de administração do grupo de oração?
- 3) Qual a duração média das reuniões? Algum membro da organização prepara uma pauta? Ou é mais como uma discussão conjunta do que se traz na hora?
- 4) O que, exatamente, é definido nessas reuniões (quem vai falar? Quais passagens da Bíblia serão lidas?, por exemplo? o que vai ser escrito na lousa?) ? Tente explicar de forma detalhada, por favor.

Anexo 5

Questionário para os pregadores

1. Você sempre tem o costume de discursar nas reuniões do GOU B.? Se sim, com que frequência você faz essa pregação?
2. Ao se preparar para a pregação, você sempre escolhe trechos da Bíblia para serem lidos? Se sim, como você acredita que escolhe os trechos (um livro que tem mais afinidade? um salmo que gosta mais? ou é o sentimento do momento?)
3. Ao se preparar para a pregação, você redige algum texto? Faz alguma anotação para acompanhar durante a fala? Consulta algum material religioso além da Bíblia sagrada?